



RESENHA

Lev Jakubinskij. *Sobre a fala dialogal*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. ISBN: 978-85-7934-104-5. Tradução portuguesa de Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez, 134p.

Hildo Honório do Couto (UnB)

Como o título já deixa entrever, o livro em epígrafe aborda os fenômenos da linguagem da perspectiva dialógica. Mais precisamente, ele vê a língua como algo dinâmico, interativo, na esteira do que fez os também soviéticos Voloshinov e Bakhtin, motivo pelo qual está sendo resenhado em ECO-REBEL. Ele comprova em grande parte muita coisa que se vem fazendo na linguística ecossistêmica, inclusive, e sobretudo, a questão da ecologia da interação comunicativa, com suas regras interacionais (RI), que constituem o núcleo da língua e da linguagem em geral. As regras interacionais são tão centrais que chegam a incluir as regras sistêmicas (a gramática). Vale dizer, as regras sistêmicas também existem para garantir a finalidade principal da linguagem: a interação comunicativa, fato que Jakubinskij já apontava, como veremos abaixo. O curioso é que o texto é do início da década de vinte do século passado. De certa forma, isso é um argumento em prol do acerto da proposta linguístico-ecossistêmica.

O livro foi publicado originalmente em russo, como um longo artigo (quase 100 páginas), sob o título de "O dialogičeskoj reči" (sobre a fala dialogal), na revista *Russkaja reč'* (*A língua russa*) n. 1, 1923, p. 96-194. A edição ora resenhada foi traduzida da tradução francesa, feita por Irina Ivanova e Patrick Sériot, sob o título de *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole-URSS, 1920-1930* (Limoges: Lambert-Lucas, 2012, p. 55-159). O texto já havia sido traduzido para o inglês, por M. Eskin, como *Lev Yakubinskij, On dialogic speech*, 1997 (Publication of Modern Language Association of America). Como na versão francesa a edição brasileira contém um Prefácio (p. 7-28) e uma Apresentação (p. 29-43), um e outra por Irina Ivanova. O texto de Jakubinskij propriamente dito vai da página 49 à de número 116, num total de oito capítulos. O livro termina com dois anexos: uma "Bibliografia de Lev Jakubinskij", que inclui a produção do autor de 1908 a 1938 e obras póstumas de 1947 a 1986 (seis páginas) e "Referências bibliográficas" (doze páginas). No Prefácio há uma detalhada biografia do autor.

A parte do livro que apresenta especificamente o texto de Jakubinskij consta de oito capítulos. São eles: "I. Sobre a diversidade funcional da fala"; "II. Sobre as formas do enunciado verbal"; "III. Sobre a forma não mediatizada"; "IV. Sobre o caráter natural do diálogo e artificial do monólogo"; "V. Observações sobre o diálogo em comparação com o monólogo oral e escrito"; "VI. A apercepção na percepção da fala"; "VII. Os estereótipos do cotidiano e o diálogo"; "VIII. O diálogo e o automatismo da fala".

Lev Petrovič Jakubinskij (1892-1945) é um dos fundadores do formalismo russo, juntamente com R. Jakobson, V. Šklovskij e Ju. Tynianov. De Courtenay ele herdou, entre outras ideias, a de língua como atividade, como já fizera Humboldt. Ele via a língua

não apenas como um fenômeno social; apoiava-se também nas ciências naturais, a fisiologia, por exemplo. Como na linguística ecossistêmica, Courtenay dizia que "a língua e a fala estão relacionadas, como manifestação de um único fenômeno fisiopsicossocial". Vale dizer, para ele a língua apresentava uma faceta social, uma natural e, de entremeio, uma psíquica. Mais uma vez, vê-se aí a posição da linguística ecossistêmica, que considera a língua um fenômeno biopsicossocial. Jakubinskij não foi executado pelo regime, como Polivanov, mas foi excluído do sistema (posto na geladeira, como se diz na linguagem popular). Foi proibido de publicar suas pesquisas. Tanto que de algumas coletâneas de linguística russo-soviética que consultei, apareceu só um ensaio de Jakubinskij, sobre possibilidade de uma política linguística na teoria linguística de Saussure. Ele chegou ao final da vida adoentado, isolado e amargurado. Isso o levou à morte.

Jakubinskij é um dos criadores d famosa OPOJAZ (Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética, São Petersburgo, 1916-1930) e do Instituto da Palavra Viva. Não é por acaso que, como disse a prefaciadora do presente livro, Irina Ivanova, "ele propõe a criação de uma nova linguística e prevê suas possibilidades de desenvolvimento, baseando-se no diálogo como objeto de estudo" (p. 23). Como Voloshinov, ele via no diálogo o núcleo da língua. Para este último, a língua nasce, vive e morre no diálogo. Como disse Ivanova (2011, p. 264), "uma parte dos princípios formulados por Jakubinskij e Voloshinov foi redescoberta pela etnometodologia de Sacks e Schegloff, pela sociolinguística de Goffman e Gumperz e pela etnografia da comunicação de Hymes". Frequentemente sem citar os dois.

Como Vinogradov, Jakubinskij defendia uma distinção entre "linguagem poética" e "linguagem prática". É no contexto desta última que entra o tópico do livro ora resenhado. Ele defendia uma abordagem funcional da linguagem, pondo ênfase na enunciação, em que falante, ouvinte e todo o contexto às vezes têm um papel muito mais importante do que o sistema. Por influência de Marr e do marxismo em geral, ele via a língua como algo dinâmico, em constante evolução. Essa evolução começa, na interação entre as pessoas, no diálogo. A propósito, Jakubinskij cita a seguinte frase de Ščerba: "É no diálogo que se forjam novas palavras, formas e estilos" (p. 111). Jakubinskij é contra a ideia de língua "como material verbal que existe independentemente do locutor. Segundo sua própria concepção (nisso ele segue Baudouin de Courtenay), a *língua geral não existe*" (p. 35), ideia expressa também por Nicolas Marr.

O período que vai de 1920 a 1930 foi altamente favorável às abordagens interacionista à linguagem. O ambiente era dominado pela gramática comparada vinda sobretudo da Alemanha. Esta lidava com línguas abstratas, tirando exemplos da literatura com vistas a uma possível recuperação de uma possível língua original, mas, sempre lidando com sistemas. Com a Revolução de 1917, os estudiosos começaram a aplicar os princípios do materialismo dialético e histórico (marxismo) aos fenômenos da linguagem também. Entre os princípios marxistas, estava a visão da língua como algo dinâmico, em constante evolução e, no caso, sobretudo a dialética. Foi esta que levou muitos linguistas a se interessarem pela língua como comunicação, na interação entre as pessoas, o que foi reforçado pela influência do behaviorismo americano com seu estímulo-resposta. Em vez da "linguagem poética", formal da literatura, passaram a valorizar mais a "linguagem prática", efetivamente usada pelas pessoas. Isso já começara com um dos mestres de Jakubinskij, Jan Baudouin de Courtenay. No entanto, muitos outros se interessaram por esta visão da linguagem, como é o caso de Ščerba, Šaxmatov, Voloshinov e Bakhtin, entre outros.

A esmagadora maioria dos autores presentes nas coletâneas organizadas por Béresin (1984) e Girke & Jachnow (1975) subscreve a visão de língua como algo dinâmico, em constante evolução e cuja essência se encontra na interação comunicativa. Além dos nomes que aparecem na presente resenha, poderíamos salientar os de Mesčaninov, Melničuk, Vinogradov (na primeira coletânea) e Marr, Filin e Aptekar, entre muitos outros (na segunda coletânea). Nesta, aparece também o famoso texto de Stalin (O marxismo e as questões da linguística) em resposta às teses de Marr de que a língua é uma superestrutura e de que a língua comum é uma ficção, que só existiriam os dialetos. A seguir, tento mostrar a posição dialógica de Jakubinskij em suas próprias palavras. Para ele, "o estudo da linguagem em função das *condições da comunicação* é base essencial da linguística atual" (p. 52). A propósito, cita L. V. Ščerba, que disse que "o monólogo é em grande medida uma forma verbal *artificial*, e que *é apenas no diálogo que a língua manifesta seu ser autêntico*" (Ščerba, *Um dialeto sorábio oriental*, 1915) (p. 75-76). A tal ponto que, para Jakubinskij, "é necessário estudar a forma dialogal como *universal*: não existe interação verbal sem diálogo, mas há grupos em interação que *conhecem apenas* a forma dialogal, para os quais o monólogo é inexistente" (p. 76). Jakubinskij entra em detalhes da dinâmica da interlocução. Para ele, "a forma dialogal é quase sempre não mediatizada" (63), ou seja, face a face. Mas, havia exceções, como nos diálogos ao telefone, que já existia, e umas poucas mais.

O autor apresenta alguns tipos de diálogo, como o "caso extremo" de "uma *conversa rápida*". Em sua opinião, "esse tipo de diálogo se caracteriza pelos seguintes traços: uma troca rápida de falas, na qual cada elemento que compõe a troca constitui uma réplica, sendo cada réplica altamente condicionada pela outra; a troca se desenvolve sem qualquer reflexão prévia; os participantes não estabelecem previamente nenhum tipo de finalidade específica; não há uma sequência premeditada na construção das réplicas, que são extremamente *curtas*" (p. 64). Em contraposição, o "bate-papo" é "marcado por um ritmo de troca mais lento". Aqui já há mais tempo para reflexão e organização das falas, motivo pelo qual os enunciados são mais elaborados. Jakubinskij notou que um princípio subjacente ao fluxo interlocucional é que ele tem começo, mas não um fim pré-definido. Enfim, "toda atividade de fala é *inacabada*" (p. 81).

Para Jakubinskij, tudo que entra naquilo que hoje se chama de ecologia da interação comunicativa é importante para a eficácia dos diálogos. Por exemplo, ele nota a importância da percepção visual nas interações comunicativas, em que entrariam gestos, movimentos corporais etc. Acrescenta que "leva-se pouco em consideração esse papel das mímicas e dos gestos no momento da comunicação não mediatizada e, sobretudo, dialogal, mas ele é *muito importante*". A tal ponto que "muito frequentemente, as réplicas por mímicas ou gestos não exigem 'complemento' verbal", ou seja, às vezes nem são necessárias palavras. A entonação também tem um papel relevante na comunicação (p. 67-68). Para mostrar a importância da entonação, das mímicas e do contexto de recursos extraverbais em geral, ele lembra uma famosa conversa entre bêbados, em que a mesma palavra foi usada em seis sentidos diferentes, expressando o que cada um dos seis queria dizer (*Diário de um escritor*, Dostoiévski, 1873). Esse episódio é comentado também por Bakhtin [Voloshinov] (1982: 133), que transcreve todo o trecho de Dostoiévski e termina assim: "sem pronunciar uma única outra palavra, eles repetiram seis vezes seguidas sua palavra preferida, um depois do outro, e se fizeram compreender perfeitamente". Bakhtin acrescenta que "a conversa é conduzida por meio de entoações que exprimem as apreciações dos interlocutores" (p. 134).

Ao asseverar que "falamos instintivamente um olhando para o outro" (p. 69), Jakubinskij já antecipava explicitamente a regras interacionais de número 2 e 3. A RI 2 estipula que

"Falante e Ouvinte ficam de frente um para o outro", enquanto que a de número 3 diz que "Falante e Ouvinte devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos". O autor apresenta uma consequência da inobservância dessas RI: "uma pessoa quando se senta virando as costas para seu interlocutor", será considerada "mal-educada" (p. 69). A RI número 4 (O Falante deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível) também está implícita das ideias de Jakubinskij, como quando ele fala da importância de "*intensidade, entonação e timbre*", embora isso possa ser desobedecido no caso de "o locutor estar 'entusiasmado' ou 'desanimado'". Tudo isso pode determinar "o *tonus* da fala, sua 'temperatura'" (p. 69). De novo, a inobservância dessa RI pode prejudicar a eficácia do entendimento na interação comunicativa.

Vejamos a RI linguístico-ecossistêmica de número 5, que diz que "a uma solicitação deve corresponder uma satisfação" (por exemplo, a uma pergunta deve seguir uma resposta). Também essa ideia já fora sugerida por Jakubinskij, quando ele falou do "poder que uma ação *verbal* tem de provocar uma reação *verbal* que, além disso, tem, com frequência, quase um caráter reflexo" (p. 76) e quando disse que "uma pergunta suscita uma resposta de forma quase involuntária, 'natural'" (p. 77). Uma das razões para isso é que o autor foi influenciado também pelo behaviorismo americano.

Como se pode ver, o fluxo interlocucional linguístico-ecossistêmica está antevisto na obra de Jakubinskij quase na íntegra. Ele fala em réplica e contrarréplica, em sequência, que tem um início, mas não um final definido nem uma direção fixa. Ivanova (2011, p. 244) chega a sugerir um esquema para explicar as ideias de Jakubinskij que lembra muito a troca de papéis entre falante e ouvinte no fluxo interlocucional.

A RI número 8 (a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve) também está contemplada na obra do autor. Como diz Ivanova (2011, p. 244), "A troca de réplicas se desenrola seja na forma de uma mudança de locutor, seja na forma de uma interrupção". Praticamente todas as demais regras interacionais listadas a seguir foram previstas na teoria "dialogal" de Jakubinskij. Pelo menos na tradução de Ivanova, a RI número 8 é explicitamente exposta, sob o nome russo de *govorenje* (p. 81).

1) F e O ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.

.....

6) tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.

7) a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (*por favor, oi etc.*).

.....

9) se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.

10) F e O devem manter-se atentos, "ligados" durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.

11) durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda "estão na linha".

12) em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.

13) adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.

14) o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (*tá bom, tá, é isso* etc.).

15) Regras sistêmicas (inclui toda a 'gramática', a 'estrutura').

Não vou reproduzir frases de Jakubinskij que tenham antevisto todas essas RI adicionais, mas, nas entrelinhas todas elas podem ser vislumbradas em sua obra. Gostaria apenas de acrescentar que ele aceitaria a RI número 15, o fato de as regras sistêmicas (gramática) fazerem parte das regras interacionais, de constituírem o conjunto de regras interacionais de número 15. Basta dizer que ele concordava com Šaxmatov, que "elaborava uma teoria sintática que lançou as bases da abordagem comunicacional dos fenômenos linguageiros" (p. 17), como se faz hoje com os fenômenos estruturais, encarados como redes (COUTO, 2016).

Para entender melhor a eficácia dos enunciados que ocorrem no diálogo, Jakubinskij apresenta o conceito de **apercepção**, proposto originalmente por Leibniz em sua *Monadologia* (1717). Todo indivíduo da comunidade tem uma "massa aperceptiva" que no fundo é a experiência prévia que ele tem das coisas, que lhe permite identificá-las quando as percebe. Reconhecer algo é identificar o que já se conhecia. Por isso, a interação entre dois interlocutores será mais eficaz proporcionalmente ao tamanho dessa massa, ou conhecimento prévio, ou conhecimento compartilhado, como outros autores preferem. Se ela for grande, frequentemente o interlocutor entende o que o falante quis dizer já a partir da primeira palavra. No caso das "falas estereotipadas" (rotinas), às vezes nem é necessário usar palavras. Mas, pode acontecer de o ouvinte entender o falante erradamente devido a sua massa aperceptiva diferente, a seus hábitos, costumes e expectativas diferentes. Jakubinskij fornece muitos exemplos, a maioria tirados de *Anna Karenina*, de Tolstoi.

De acordo com o autor, "compreendemos e percebemos melhor ainda a fala de outrem em uma conversa quando nossa massa aperceptiva tem muito em comum com aquela de nosso interlocutor" (p. 93). Isso porque "para compreender a fala, é necessário saber 'de que se trata'" (p. 94), pois "cada turno de fala se efetua tendo a massa aperceptiva como pano de fundo" (p. 97). Vale dizer, "se existe comunidade de massa aperceptiva essencial, a composição verbal do enunciado simplifica-se consideravelmente, pois cada réplica seguinte reforça essa continuidade. Nesse caso, precisamos de um menor número de palavras e de menos rigor no seu uso" (p. 98);

O autor tem a posição de que o monólogo é uma espécie de diálogo degenerado, sobretudo o "mediatizado" sob a forma de texto escrito. No entanto, ressalta, "deve-se notar que, mesmo a recepção de um monólogo escrito (um livro, um artigo) provoca interrupções e réplicas, em certos casos no pensamento; em outros casos, em voz alta, ou ainda por escrito, sob a forma de sublinhamentos, anotações nas margens, folhas inseridas etc." (p. 79). Enfim, o leitor distante (no espaço e no tempo) de que o escritor sequer tem notícia, reage à mensagem recebida sob diversas formas. Com isso está, de alguma forma, "respondendo" a ela, mesmo que o escritor não receba essa "resposta", o que justifica considerar o texto escrito como "diálogo" degenerado, termo não usado por Jakubinskij, mas que cabe perfeitamente em sua teoria.

Para o autor, "pode-se afirmar que o diálogo tem um caráter natural, essencialmente no sentido de que ele corresponde, enquanto alternância de ações e reações, aos fatos sociais de interação nos quais o social se aproxima o mais perto possível do biológico (psicofisiológico). Se o diálogo é um fenômeno da 'cultura', ele é tanto quanto, senão mais do que o monólogo, um fenômeno da 'natureza'" (p. 79).

Enfim, eu salientei apenas algumas passagens do texto *Sobre a fala dialogal* que são de interesse para quem investiga a língua e a linguagem da perspectiva interacional, vendo o centro da língua na ecologia da interação comunicativa. Recomendo a todas e a todos que leiam o original, agora disponível em língua portuguesa e facilmente acessível, pois foi publicado há apenas dois anos. Nessa obra temos quase tudo da ecologia da interação comunicativa *avant la lettre*.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2ed.
- COUTO, Hildo Honório do. Estudos gramaticais à luz da linguística ecossistêmica. *Scripta* v. 20, n. 38, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n38p26> (acesso: 19/11/2017).
- BÉRESIN, F. M. (org.). *Reader zur Geschichte der sowjetischen Sprachwissenschaft*. Leipzig: VEB Verlag, 1984.
- BRAIT, Beth. Tradição, permanência e subversão de conceitos nos estudos da linguagem. *Revista da ANPOLL* n. 34, 2013, p. 91-121. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/667/687> (acesso: 23/11/2017).
- GIRKE, Wolfgang; JACHNOW, Helmut (orgs.). *Sprache und Gesellschaft in der Sowietunion*. Munique: Wilhelm Finke Verlag, 1975, p. 284-295.
- IVANOVA, Irina. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. *Bakhtiniana* v. 6, n. 1, 2011, p 239-267.
- _____. Les sources de la conception du dialogue chez L. Jakubinskij. *Texto!*, 2003. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Inedits/Ivanova_Jakubinskij.html (acesso: 19/11/17).
- _____. Lev Jakubinski (1892-1945): o destino de um linguista russo. *Cadernos Cenpec: pesquisa e ação educacional*, v. 2, n. 2, 2012, p. 225-241. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/179> (acesso: 19/11/17).
- JAKUBINSKI, Lev. F. de Saussure über die Unmöglichkeit einer Sprachpolitik. In: GIRKE; JACHNOW (orgs.), 1975, p. 284-295.

Recebido em: 05/12/2017.

Aceito em: 10/01/2018.